

**REENCANTAMENTO DO MUNDO:
criações curriculares enquanto
novidades utópicas**

**RE-ENCHANTMENT OF THE WORLD:
curricular creations as utopian news**

**REENCANTAMIENTO DEL MUNDO:
las creaciones curriculares como
novedades utópicas**



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v16i2.67916

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Resumo: O presente dossiê tem por objetivo congregiar criações curriculares que desestabilizam o desencanto do mundo a partir do entendimento da diferença como patrimônio da humanidade. Muitos dispositivos midiáticos, redes sociais, programas de televisão têm contribuído para a difusão de uma avalanche de informações que amplificam os discursos em defesa das políticas de controle sobre os currículos nas instituições educativas, de desvalorização da educação, de desqualificação da formação docente, de desvalorização da escola pública, além da subordinação dos *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) a um padrão de humanidade eurocentrado e excludente. Mediante tal cenário, dá-se a emergência de inversão desses processos. Propomos, então, a perspectiva do reencantamento do mundo a partir das criações curriculares, que se dá nos processos educativos, sejam estes em espaços formais ou não, e que considerem a novidade utópica enquanto tática para a construção de um mundo onde caibam todos os mundos.

Palavras-chave: Reencantamento. Criações. Currículo.

Patrícia Raquel Baroni

Doutora em Educação

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: narrativasdocampo@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1570-9816>

Deise Guilhermina da Conceição

Doutora em Educação

Museu Vivo do São Bento, Brasil.

E-mail: deisehis@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5739-2442>

Como citar este artigo:

BARONI, P.; CONCEIÇÃO, D. G. REENCANTAMENTO DO MUNDO: criações curriculares enquanto novidades utópicas. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 2, p. 1-8, 2023. ISSN2177-2886. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i2.67916>.

Abstract: The present dossier aims to bring together curricular creations that destabilize the disenchantment of the world from the understanding of difference as a heritage of humanity. Many media devices, social networks, television programs have contributed to the dissemination of an avalanche of information that amplify the discourses in defense of policies of control over the curricula in educational institutions, of devaluation of education, of disqualification of teacher training, of devaluation of the public school, in addition to the subordination of practitioners-thinkers (OLIVEIRA, 2012) to a pattern of Eurocentric and excluding humanity. In this scenario, there is the emergence of inversion of these processes. We propose, then, the perspective of the re-enchantment of the world from the curricular creations that takes place in educational processes, whether in formal spaces or not, and that consider the utopian novelty as a tactic for building a world where all worlds fit.

Keywords: Re-enchantment. Creations. Curriculum.

Resumen: El presente dossier pretende reunir creaciones curriculares que desestabilizan el desencanto del mundo desde la comprensión de la diferencia como patrimonio de la humanidad. Muchos dispositivos mediáticos, redes sociales, programas de televisión han contribuido a la difusión de una avalancha de información que amplifica los discursos en defensa de políticas de control de los currículos en las instituciones educativas, de desvalorización de la educación, de descalificación de la formación docente, de desvalorización de la escuela pública, además de la subordinación de los practicantespensadores (OLIVEIRA, 2012) a un patrón de humanidad eurocéntrica y excluyente. En este escenario, se da el surgimiento de la inversión de estos procesos. Proponemos, entonces, la perspectiva del reencantamiento del mundo desde las creaciones curriculares que se da en los procesos educativos, sea o no espacios formales, y que consideren la novedad utópica como táctica para construir un mundo donde quepan todos los mundos.

Palabras clave: Reencantamiento. Creaciones. Currículo.

O presente dossiê se dedica a apresentar uma constelação de artigos para pensar o reencantamento do mundo a partir das criações curriculares. A necessidade de fazer emergir esse reencantamento se dá por um contexto que vem imprimindo o desencanto enquanto regra. Os tempos vividos nos últimos anos tornaram a humanidade “desencantada” e, com isso, fomos nos acostumando a lançar as microalegrias para os pontos cegos de nossa vida cotidiana. Diariamente, os dispositivos midiáticos, as redes sociais, os programas de televisão, a internet fazem chegar até nós uma avalanche de informações que amplificam os discursos em defesa das políticas de controle sobre os currículos nas instituições educativas, de desvalorização da educação, de desqualificação da formação docente, de desvalorização da escola pública, além da subordinação de todas as pessoas a um padrão de humanidade eurocentrado e excludente que não considera a diferença enquanto patrimônio mundial.

Partindo de Weber (2006), entendemos tal desencantamento como um processo histórico e milenar no qual o mundo foi desmagificado. A consideração da magia como profana pelas religiões de matriz europeia, ou irracional pela ciência ocidental, produziu também uma desmagificação da natureza, que passou a ser considerada em sua dimensão científica, e nesse sentido, objetiva e causal. Esse projeto de dominação da natureza teve como consequência o desencantar do mundo, revelando seus nexos causais e quantificáveis por meio da ciência moderna, e o controlando por meio da tecnologia.

A popularização da expressão cunhada por Weber trouxe à tona novas apreciações sobre as formas como o indivíduo contemporâneo vê o mundo. O conceito de desencantamento do mundo mostrou-se tão fecundo que abriu as portas para uma nova expressão: o reencantamento do mundo. Diante desse conceito, nos cabe interrogar: afinal, o que podemos entender por reencantamento do mundo? Que sentidos e significados podem ser criados a partir dessa expressão? Como podemos vislumbrá-lo nas práticas curriculares?

De modo recente temos encontrado, em diversas áreas do conhecimento, produções que afirmam a emergência de um reencantamento do mundo como a inversão dos processos identificados por Weber: reencantar o mundo seria remagificar a vida, ou ainda, como nos ensinou Sgarbi (2005), pensarsentir a partir de uma epistemomagia do cotidiano, entendendo a valorização da diferença

conforme D'Adeski (2001) enquanto ferramenta fundamental para a superação de “esquizofrenia monocultural”.

Fizemo-nos eco do lamento segundo o qual a ciência, e a física em particular, desencanta o mundo. Mas ela desencanta precisamente por que o diviniza e nega a diversidade e o devir naturais (...) em nome de uma eternidade incorruptível, única de ser pensada com verdade. O mundo da dinâmica é um mundo “divino” no qual o tempo não ataca e o nascimento e morte das coisas estão definitivamente excluídos. (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p.204).

Morin (2008) dialoga com a temática por meio de uma postura interdisciplinar e afirma que as consequências das mudanças na concepção de natureza promovida pela reformulação da ciência são radicais. De acordo com o autor, a ciência já não pode continuar sendo o refúgio de uma racionalidade que não mais a integra. O universo herdado da ciência clássica era centrado. O novo universo é acêntrico, policêntrico. (...) O antigo universo era um relógio perfeitamente regulado. O novo universo é uma nuvem incerta (MORIN, 2008, p.84-85).

Para alguns autores, o reencantamento não é essencialmente uma tendência social, mas um imperativo ético. Nesse sentido, ele aparece como uma nova forma de compreensão do mundo natural, que une em seu entendimento características científicas e místicas. Com essa perspectiva, Gibson (2009), partindo da chamada hipótese de Gaia, que mistura ambientalismo, misticismo indígena norte-americano e uma crítica da relação entre tecnologia e política, tem como objetivo evocar o retorno ao “cosmos encantado”, onde humanos, animais, plantas e quaisquer outros espíritos associados podem viver numa mesma comunidade moral. O autor ressalta que este não é um mundo mágico sem conflitos, mas é um mundo onde os humanos voltam a se encaixar na “teia da vida” (GIBSON, 2009). O reencantamento do mundo, para ele, é um projeto de ressacralização da natureza, o qual rompe com a forma de dominação científica e tecnológica que lhe foi atribuída ao longo da modernidade.

Maffesoli (2007) propõe que a imagem é um modo de fortalecimento do vínculo social. Para o autor, passamos na modernidade por um desencantamento do mundo resultante do desenvolvimento tecnológico associado a uma mentalidade racionalizante. Reencantamento é também reimaginação, um “retorno do imaginário”. Trata-se do retorno de uma “aura estética” através das tribos e de uma vivência cotidiana vitalista, e por essa razão, presenteísta.

Contrariamente aos que continuam a analisar nossas sociedades em termos de individualismo e desencanto, já mostrei que o que parecia estar na ordem do dia remetia, em vez disso, a um tribalismo, tendo por contrapartida um verdadeiro reencantamento do mundo. A comunhão em torno de imagens, objetos, não está, nesse sentido, muito distante daquela que se exprimia, nas tribos tradicionais, em torno do totem, ou do herói epônimo. (...) Assim, não é mais o indivíduo isolado na fortaleza de sua razão que prevalece, mas sim o conjunto tribal que comunga em torno de um conjunto de imagens, que consome com voracidade.” (MAFFESOLI, 2006, p.105)

Com Santos (1995), compreendemos que um importante movimento para tecer o reencantamento do mundo se coloca na circulação de mini-racionalidades locais em detrimento da irracionalidade global, com lógicas adequadas às necessidades das comunidades interpretativas. Ainda sobre isso, o autor completa: o reencantamento do mundo pressupõe a inserção criativa da novidade utópica no que nos está mais próximo (SANTOS, 1995, p. 106).

Desta forma, no presente dossiê, formamos um arquipélago artigos apresentando criações curriculares com racionalidades locais que permitem à sociedade esperar. Trata-se de ressaltarmos a imprevisibilidade do real, tal como fazem diversos docentes quando assumem os limites dos textos curriculares e planos de curso reinventando o que está posto; quando são criadas ações antirracistas, inclusivas, solidárias nas esferas locais de educação; quando as comunidades interpretativas propõem a suas epistemologias cotidianas nas instituições educativas.

Tal como Santos (2000) propõe:

recuperar a esperança significa, neste contexto, alterar o estatuto da espera, tornando-a simultaneamente mais ativa e mais ambígua. A utopia é, assim, o realismo desesperado de uma espera que se permite lutar pelo conteúdo da espera, não em geral mas no exacto lugar e tempo em que se encontra. A esperança não reside, pois, num princípio geral que providencia um futuro geral. Reside antes na possibilidade de criar campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente às evidências da inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos os tempos e exceto naqueles em que ocorreram efetivamente. É este o realismo utópico que preside às iniciativas dos grupos oprimidos que, num mundo onde parece ter desaparecido a alternativa, vão construindo, um pouco por toda parte, alternativas locais que tornam possível uma vida digna e decente. (SANTOS, 2000, p. 36)

Abrindo o dossiê, o artigo **“POR UMA POÉTICA CURRICULAR COM OS COTIDIANOS ESCOLARES”**, dos autores Marina de Oliveira Delmondes e Carlos Eduardo Ferraço, problematizam os múltiplos currículos vividos-praticados-inventados com os cotidianos escolares. Ao defenderem uma poética curricular como da ordem dos afetos, capaz de instaurar um outro devir, um outro estilo, uma outra criação, um outro modo de pensar-inventar currículos, fazem uma defesa das escolas públicas como compromisso ético, estético e político.

Após, os autores Nielson Rosa Bezerra e Bruna Maria de Almeida Luiz, no artigo intitulado **“NEGO VÉIO PROFESSOR”**, riscam os caminhos a partir saberes assentados nas práticas afro-brasileiras e indígenas com a orientação do professor ancestral Pai Joaquim da Calunga, um Preto Velho que baixa em um Terreiro de Umbanda localizado na zona norte do Rio de Janeiro. O artigo parte da ideia de que nem sempre é possível evitar a morte do corpo físico, mas é possível reencantar o mundo através da potência de vida.

Seguindo, o artigo **“EXPERIMENTAR E INVENTAR MOVIMENTOS CURRICULARES POR UMA VIDA BONITA”**, de autoria de Andrea dos Santos Gabriel e Sandra Kretli da Silva, cartografa movimentos de micropolíticas ativas em uma escola de ensino fundamental. Conclui que é possível apostar na escola como corpo coletivo, pois entre macro/micropolíticas há criação de movimentos curriculares inventivos que escapam aos padrões hegemônicos instituídos e afirmam uma vida bonita no cotidiano escolar.

Com autoria de Carla Char e Marlucy Alves Paraíso, o artigo **“UMA DANÇA MENOR EM UM CURRÍCULO-DANÇANTE”** mostra como um “currículo-dançante”, criado a partir de experimentações com dança no território de um currículo em ação, se reinventou e desencadeou outros modos de aprender ao se conectar com uma “dança-menor”, aquela que está nos corpos estudantis e é frequentemente marginalizada no “currículo-maior”.

Em seguida, o artigo **“CURRÍCULOS E IDENTIDADES: APROXIMAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E ARQUEOLOGIA SOCIAL INCLUSIVA NA FUNDAÇÃO CASA GRANDE EM NOVA OLINDA-CE”**, dos autores Pedro Adjedan David de Sousa, Marcia de Sousa Figueiredo e Cícero Magérbio Gomes Torres, analisa a Arqueologia Social Inclusiva, na Fundação Casa Grande, em Nova Olinda-CE, enquanto constitutiva de uma prática formativa que fomenta o resgate da memória, das identidades e os sujeitos as culturas, a história, a geografia do lugar e os materiais tangíveis e intangíveis que compõem o campo da educação, construindo pertencimento através de uma pedagogia performática, numa relação entre currículo oculto, educação e cultura.

Após, os autores Andressa Lima e Danilo de Araujo Oliveira, no artigo **“A GARRAFINHA DE REFRIGERANTE, O RELÓGIO DE PAPEL E A FORÇA: INVENCIONICES, CRIAÇÕES E IMAGINAÇÕES INFANTIS PARA APRENDER BRINCANDO EM UM CURRÍCULO”**, problematizam como o brincar possibilita o aprender a partir de experiências que as crianças criam para fugir das rotinas e prescrições do currículo. Os autores entendem que ao nos expormos aos afetos bons que as crianças nos permitem ter, inventamos outros tempos, intervalos, durações, extensões como docentes para proliferar o aprender nos currículos escolares, que escapam da rigidez e do controle dados pelas prescrições normativas que constituem muitos currículos.

Seguindo, o artigo intitulado **“LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA E FORMAÇÃO: O ENTRELAÇAMENTO DA LITERATURA DAS RUAS COM OUTROS ESPAÇOS DE SABERES”**, de autoria de Nayara Matos, Patrícia Raquel Baroni e Gustavo Coelho, investiga a potência formativa da produção literária marginal-periférica a partir das narrativas de escritores periféricos.

Com autoria de Eduarda Boing Pinheiro e Elizandro Maurício Brick, o artigo **“DA DENÚNCIA AO ANÚNCIO: MOVIMENTO DE UM PLANEJAMENTO ÉTICO-CRÍTICO INSPIRADO NA INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA FREIREANA”**, propõe uma pesquisa engajada com o processo de humanização da comunidade de Vidal Ramos, município agrícola do interior de Santa Catarina, a fim de transformar as situações de injustiça lá, a partir de um planejamento didático inspirado na educação ético-crítica e na Investigação Temática.

Em seguida, **“DO ESPAÇO AO LUGAR: A HORTA ESCOLAR COMO ELEMENTO CHAVE PARA O ESTÍMULO AO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NO ENSINO FORMAL”**, das autoras Yayenca YllasFranchia, Heloisa Tozato e Heloisa Firmo, objetiva a análise crítica e reflexiva do processo de apropriação e do sentimento de pertencimento na construção coletiva da horta pedagógica agroecológica da Escola Municipal Pedro Ernesto, localizada no bairro da Lagoa, no Rio de Janeiro.

Após, os autores Soler Gonzalez, Andreia Teixeira Ramos e Victor de Jesus, no artigo **“CRIAÇÕES CURRICULARES COM OUTRAS ECOLOGIAS NAS REDES COTIDIANAS: DIÁLOGOS AMOROSOS NO ESPERANÇAR POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ANTIRRACISTA”**, apresentam as possibilidades de criações curriculares com outras ecologias nas redes educativas a partir de práticas pedagógicas realizadas com as andarilhagens de um grupo de pesquisa envolvendo também o ensino e a extensão universitária. Os autores defendem outras criações curriculares que possibilitem e apostem em ideias e sonhos em prol de uma sociedade mais solidária, igualitária, justa, antirracista e anticolonial no exercício de esperançar para adiar o fim do mundo.

Seguindo, o artigo intitulado **“DA MODERNIDADE DESENCANTADA AOS REENCANTAMENTOS POSSÍVEIS: AS CRIAÇÕES CURRICULARES COTIDIANAS E SEUS ENCANTAMENTOS”**, de autoria de Inês Barbosa de Oliveira, convida a pensar que o reencantamento do mundo e a relevância das criações curriculares cotidianas nesse processo exige recorrermos ao fenômeno e ao processo de desencantamento do mundo de modo a poder tecer uma reflexão que aborde diferentes aspectos do debate, inserindo-os no debate curricular. O texto examina brevemente algumas criações curriculares narradas em trabalhos acadêmicos no campo da pesquisa com os cotidianos das escolas, nas quais se podem encontrar contribuições à reflexão sobre o tema, bem como iniciativas relevantes de contribuição possível das escolas e daquilo que nelas se cria para o reencantamento do mundo.

Com autoria de Maria Cecília Sousa de Castro, Maristela Petry Cerdeira e Rafaela Rodrigues da Conceição, o artigo **“ANDARILHAR PELOS GUETOS CURRICULARES: ÉTICAS, ESTÉTICAS, POÉTICAS NOS ‘ESPAÇOSTEMPOS’ DAS CIDADES”** apresenta parte dos resultados de um projeto realizado com crianças matriculadas em uma instituição pública de ensino no Estado do Rio de Janeiro, considerando a escola como o ‘espaçotempo’ de ‘fazerpensar’ com as crianças diversas formas de ser e estar no mundo, sendo atravessados pelas poéticas dos guetos, pelo gingado das ruas, pelas artes dos centros e das periferias. Os resultados indicam que os estudantes desenvolveram relação de pertencimento estabelecendo outros vínculos com o lugar onde moram a partir das situações partilhadas nas andanças pela cidade.

Em seguida, o artigo **“PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA RESSIGNIFICAR PRÁTICAS FORMATIVAS E A ORGANIZAÇÃO POLÍTICO PEDAGÓGICAS DA ESCOLA”**, dos autores Idilea Thomaz de Aquino Pereira, Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão e Leandro Sartori, apresenta inventário sobre o processo de formação política e cultural desenvolvido numa escola municipal pública e que desde a sua criação (1987) mantém as referências educativas baseadas nas utopias dos movimentos sociais e populares dos anos de 1980 e, assim, materializam o princípio constitucional da gestão democrática.

Após, a autora Deise Guilhermina da Conceição, no artigo intitulado **“PERIFERIA EM FOCO: DIÁLOGOS ENTRE JOVENS PRETOS E A ESCOLA”**, compartilha as reflexões de estudantes de uma

escola que oferta os anos finais do ensino fundamental e que atende aos alunos moradores de uma favela de um bairro da periferia carioca. A maior parte do corpo discente é formada por estudantes pretos e pardos, que durante muito tempo não enxergaram a escola enquanto território. Nas narrativas são apresentados debates insurgentes que se deram entre docentes e alunos de uma das turmas da escola sobre racismo e discriminação racial e as ideias acerca de hierarquias entre os grupos humanos, tendo o branco caucasiano como padrão e os demais grupos étnicos como negros e indígenas posições subalternas. A reflexão contribui para produção de ações mais horizontalizadas e para uma ecologia dos saberes que emerge das práticas que vêm permitindo o reencantamento do mundo por essa comunidade interpretativa.

Além dos artigos que desenham a constelação do dossiê Reencantamento do Mundo, neste volume também são partilhados quinze artigos de fluxo contínuo e uma entrevista.

O primeiro deles, intitulado **“DISCIPLINA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA: A VOZ DE EX-ALUNAS DE GRADUAÇÃO”**, de autoria de Camila Lopes Cravo de Lacerda e Zena Winona Eisenberg, debruça-se nas reverberações práticas em sala de aula da disciplina curricular, Psicologia da Educação, assim também, como da participação ativa no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBD, 2016), de graduandas em formação, agora já formadas.

O segundo, de autoria de Maria Crélia Mendes Carneiro e Rosimeire Costa de Andrade Cruz, intitulado **“CONCEPÇÕES DOCENTES NORTEADORAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM BEBÊS EM CRECHE”**, tem como mote central o currículo para bebês no espaço coletivo da creche, tomando como foco as concepções docentes acerca de bebês, creche, currículo e professora de bebês.

O terceiro artigo, **“PENSAR O CÓDIGO DISCIPLINAR: POSSIBILIDADES DE RECOMPOSIÇÃO DO MOSAICO CURRICULAR DAS DISCIPLINAS ESCOLARES”**, de autoria de Sandra Regina Ferreira de Oliveira e Luciana Fernandes de Aquino, analisa os fundamentos da formação da categoria Código Disciplinar no pensamento de Raimundo Cuesta Fernández(1997; 2009), e as suas possibilidades investigativas que, partindo da História, se estendem a outras disciplinas no exercício de pensar as construções curriculares.

O quarto artigo, intitulado **“VERSÕES DE UMA BASE: DISPUTAS, CONTINUIDADE E RUPTURAS NA PRODUÇÃO DA BNCC DO ENSINO MÉDIO”**, dos autores Lauro Cruz e Mônica Ribeiro da Silva, analisa o processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC/EM), com foco nas continuidades e rupturas identificadas nesse processo.

O quinto, de autoria de Suellen Ferreira Barbosa e Marcio Santos, intitulado **“A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO PRESENTE NOS PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSO DO IFPA/CAMPUS DE ITAITUBA”**, se propõe a analisar os projetos pedagógicos para trazer à tona a concepção curricular defendida pelo componente curricular Educação Física.

O sexto artigo, **“CÍRCULOS DE CULTURA NO RETÂNGULO DA TELA DO COMPUTADOR: DESAFIOS DE UM PERÍODO PANDÊMICO”**, produzido pelas autoras Ana Paula Abreu Moura, Midian Lena Pereira Pressato e Isabela Pereira Bráz, apresenta elementos para reflexão sobre as práticas curriculares neste período, destacando os limites e as possibilidades dos recursos tecnológicos.

O sétimo artigo, intitulado **“EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA A DE(S)COLONIZAÇÃO DE SABERES”**, da autora Larisse Miranda de Brito, problematiza como a etnopesquisa crítica multirreferencial, através dos seus itinerários metodológicos, pode transgredir a lógica colonialista da ciência moderna, no sentido de promover uma produção de conhecimento que sinalize para a de(s)colonização de saberes.

O oitavo, de autoria de Maria do Socorro Souza, Neuza Sofia Guerreiro Pedro e Juliane Colling, intitulado **“O USO DAS TIC NO ENSINO REMOTO: UMA REVISÃO DE LITERATURA”**, se dedica a mapear as pesquisas que abordam os impactos do Ensino Remoto Emergencial(ERE) nas práticas de ensino e aprendizagem do ensino médio das escolas públicas brasileiras.

O nono artigo, **“A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NAS TRÊS VERSÕES DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL”**, dos autores Iracema dos Santos Teles e Genylton Odilon Rêgo da Rocha, analisa a concepção de infância que norteou o currículo prescrito para a Educação Infantil em cada uma das três versões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O décimo artigo, com título **“A REFORMA GERENCIAL DA EDUCAÇÃO PERNAMBUCANA (2007-2018): PRINCÍPIOS, POLÍTICAS E MUDANÇAS NAS FINALIDADES DA EDUCAÇÃO”**, das autoras Josilene Maria de Oliveira e Andréia Ferreira da Silva, analisa a reforma gerencial da educação pernambucana efetivada desde 2008 pelo Programa de Modernização da Gestão/Metas para a Educação (PMGP/ME).

O décimo primeiro, de autoria de Débora Gomes Gonçalves e Tatiana Polliana Pinto de Lima, intitulado **“CURRÍCULO INTEGRADO: O QUE REVELA A PRÁXIS DOCENTE?”**, busca compreender a práxis docente diante da necessidade de implementar e construir um currículo integrado em uma escola do município de Sapeaçu-BA.

O décimo segundo, **“ITINERÁRIOS DA (DES) OFICIALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NOS ANOS INICIAIS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA”**, das autoras Aline Malagi e Iône Inês Pinsson Slongo tem por objetivo realizar uma análise histórica sobre as iniciativas legais e os movimentos de institucionalização da Educação Sexual na escola básica, com recorte para os anos iniciais.

O décimo terceiro, intitulado **“POLÍTICAS CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: O DISCURSO DA INEFICIÊNCIA COMO JUSTIFICATIVA PARA REFORMAS”**, das autoras Carolina Giovannetti e Shirlei Rezende Sales, apresenta parte dos resultados de uma pesquisa que analisou os documentos curriculares oficiais do Ensino Médio do Brasil pós-golpe de 2016, mais especificamente a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, homologada em 2018 e a Lei da Reforma do Ensino Médio, Lei 13.415 de 2017.

O décimo quarto artigo, da autora Lilian Pereira Palacio, **“MODELOS DE UNIVERSIDADE E TEORIAS DE CURRÍCULO: EFEITOS NOS MODOS COMO SE APROXIMAM”**, observa de que modo determinada concepção de universidade se relaciona a uma concepção de currículo e os efeitos que podem ser produzidos a partir daí.

O décimo quinto, **“BNC-FORMAÇÃO E OS CURSOS DE LICENCIATURAS: ENTRAVES E RISCOS PARA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES”** com autoria de Ana Paula Monteiro de Moura, Leia Soares da Silva e Marlúcia Lima de Sousa Meneses, faz uma análise sobre a implementação da reforma curricular da Educação Básica referendada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Ensino Médio e sua relação direta com a Base Nacional Comum para a Formação de Professores da Educação Básica (BNC-Formação).

Este volume é finalizado com entrevista realizada com o Professor Emérito Antônio Flávio Moreira Barbosa, uma das maiores referências dos estudos do currículo no Brasil. No texto intitulado **“A INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAMPO DO CURRÍCULO: ENTREVISTA COM ANTÔNIO FLÁVIO BARBOSA MOREIRA”** realizada por Marcus Vinícius Siqueira Dutra e Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel, o entrevistado busca atualizar as compreensões sobre o processo de internacionalização, sobretudo diante de tempos pandêmicos, em que a educação e o currículo passaram por transformações relevantes.

Assim e caminhando com esses artigos, pretendemos inverter a lógica do desencantamento que está em circulação. Que os textos aqui presentes possam contribuir para a reflexão acerca das muitas criações curriculares que promovem o reencantamento do mundo e que consigam estimular seus leitores a inserirem criativamente a novidade utópica em seus cotidianos. Que possamos, enfim, vislumbrar uma sociedade mais justa, democrática, inclusiva, solidária e igualitária.

REFERÊNCIAS

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil: pluralismo étnico e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

GIBSON, James William. **A Reenchanted World: the quest for a new kinship with nature**. 1ª ed. New York: Metropolitan Books, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Le réenchantement du monde**: une éthique pour notre temps. 1.ed. La table Ronde: Paris, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MORIN, Edgar. **O método 1**: a natureza da natureza. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A nova aliança**: a metamorfose da ciência. 1. ed. Brasília: UNB, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SGARBI, Paulo. **Avaliação pensada a partir de uma epistemologia do cotidiano**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Julho/2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.